

Como o Homem Conhece a Deus?

por Gordon Haddon Clark

O assunto da palestra desta tarde é “Como Conhecemos” ou talvez, “Como Conhecemos a Deus”.

A pergunta básica na filosofia da religião é: Como podemos conhecer a Deus? Charles Hodge e Louis Berkhof dedicaram algumas partes de seus volumes para essa questão. E, por essa razão, ela vem desde a aurora da teologia Cristã. O judeu filósofo, Filo, o qual tinha várias coisas a dizer sobre o *Logos*, estava lutando com suas dificuldades nos mesmos anos em que Jesus estava andando ao redor da Palestina.

Recentemente, a questão tem sido reformulada. Ao invés de perguntar se podemos conhecer a Deus e como podemos conhecer a Deus, a filosofia da análise lingüística tem perguntado: Como podemos falar sobre Deus? A linguagem é suposta ser um desenvolvimento evolucionário retirado da necessidade prática de sobrevivência e é, portanto, inadequada e inaplicável para questões teológicas. Na verdade, o corpo principal, não todo, mas o corpo principal da linguagem dos filósofos, especialmente nas suas obras mais antigas, afirma que a linguagem sobre Deus é sem sentido. Não apenas o empirismo secular faz tal declaração, Wittgenstein, A. J. Ayer, e os positivistas lógicos, mas também os teólogos liberais da escola neo-ortodoxa – numa terminologia mais polida, sem dúvida alguma – mas ainda assim eles aceitam essencialmente o mesmo ponto de vista.

Conquanto a questão de como podemos conhecer a Deus é uma pergunta fundamental na filosofia da religião, por detrás dela descansa, na filosofia geral, a questão última: Como podemos conhecer alguma coisa? Se não podemos falar inteligivelmente sobre Deus, podemos falar inteligivelmente sobre moralidade, sobre nossas próprias idéias, sobre arte, política - poderíamos sequer falar sobre ciência? Como podemos saber alguma coisa? A resposta para essa pergunta, tecnicamente chamada de teoria da epistemologia, controla todas as questões subjetivas que reivindicam ser inteligíveis ou cognitivas.

Empirismo

O presente estudo discutirá três teorias e enfatizará suas implicações para religião, para o Cristianismo, e Deus. A primeira das três é o empirismo.

A teoria do conhecimento que presumivelmente concorda melhor com o senso comum é a teoria de que aprendemos pela experiência. Aprendemos que abelhas ferroam e cascavéis matam por meio das nossas percepções de dor. Aprendemos que rosas são vermelhas e violetas são azuis pelos sentidos

da visão. Todo nosso conhecimento vem pelos sentidos. Esse tipo de epistemologia não é meramente a teoria mais em harmonia com a opinião comum, é também o ponto de vista de filósofos singulares, entre os quais estão pensadores famosos tais como Aristóteles, Aquino e John Locke. Esses três homens, entre outros, tentaram explicar como notamos uma cadeira, como uma lei de física pode ser descoberta, e finalmente como, por argumentos complicados, podemos provar a existência de Deus.

Entretanto, por mais plausível que essa teoria possa ser, ela levanta algumas questões excessivamente difíceis. Por enquanto, vamos deixar de lado as complexidades em se chegar ao conhecimento do Deus eterno e incorpóreo a partir de sentimentos transitórios. Antes, vamos primeiro dar atenção às partes mais simples do empirismo.

Começemos com o vermelho da rosa e o azul de uma violeta. Primeiro, uma descrição da sensação mostrará que ela não fornece um conhecimento tão prontamente como o senso comum imagina. Nem todo mundo vê rosas como vermelhas e violetas como azuis. Há algumas pessoas que dizemos que são daltônicas, e há graus de daltonismo. É difícil falar o que é daltonismo e o que são ilusões de cor. As cores verdadeiras são bem difíceis de se determinar. A condição do órgão, o olho, uma doença, enfermidade temporária, uma dor de cabeça ou extrema sensibilidade muda nossas sensações sobre a cor.

Deixe-me dar-lhe um pequeno exemplo. Se você fizesse um curso de arte, pintura a óleo, você poderia pegar um quadro de tela de pintura e colocar certa cor na primeira metade do topo da tela e outra cor na outra metade. Poderia ser vermelho ou azul, ou quaisquer outras duas cores que você desejasse, conquanto que elas fossem diferentes. E então, depois de terem secado, você pegaria um pincel cheia de tinta cinza e passaria verticalmente nas duas partes do quadro e você veria que uma pincelada teria colocado duas diferentes cores na tela, a cor cinza no topo não é o cinza na metade de baixo da tela. Assim, a cor que você vê depende do pano de fundo contra o qual você a observa. E visto que sempre haverá um pano de fundo, você nunca verá qualquer coisa como ela é por si mesma.

Eu poderia mencionar algumas ilusões ópticas: o fazendeiro do Texas que tinha certeza que estava vendo uma miragem e dirigiu sua camionete para dentro de um lago. Alguns de meus gentis oponentes tentam contrastar meus argumentos contra o empirismo declarando que eu meramente repito os antigos cétricos. Estou receoso de duas coisas: os antigos cétricos não sabiam nada sobre o Texas, e, em segundo lugar, se estou repetindo os antigos cétricos, isso não é uma resposta suficiente para os argumentos deles.

Pegue uma coisa que certamente os antigos não conheciam. Tome um bom pedaço de cartão de tábua de cerda e pinte uma metade de preto de tinta indiana. Deixe a outra metade em branco e então coloque uma pequena gota de preto na metade em preto. Depois pegue algo que girará cerca de 500

voltas por minuto. Qual cor você verá? Verá preto? Verá cinza? Bem, se você não fez esse experimento, estou bem certo que você não saberá qual cor verá. Mas eu te conto: você verá violeta, verá vermelho, verá verde, verá certo tipo de marrom. Você verá todas essas cores apenas com uma mistura de preto e branco, e isso lhe dá uma dificuldade considerável ao tentar dizer que você vê a cor de algo, ou, para parafrasear um pouquinho de Agostinho: não há nada fornecido (*das Gegebenes*, se você sabe o termo técnico em alemão), não há nada fornecido na sensação sem a interpretação intelectual.

E só pra proteger-me dessas pessoas que pensam que eu sou tão velho quanto céticos gregos – Estou ficando velho, mas não tenho 2000 anos de idade, creio eu ter cerca de 95 anos ou algo próximo – mas certa vez eu estava viajando na estrada de St. Louis até Indianápolis. Isso foi antes das estradas interestaduais, e à medida que olhava a frente, eu vi uma camionete parada próxima a um celeiro. Estava há aproximadamente 1500 ou 2000 pés na minha frente. E não era um carro de passageiro, era uma camionete, pois a dianteira e a traseira eram ambas verticais. Havia uma camionete próxima a um celeiro. À medida que dirigíamos – indo à 75 m.p.h., percorremos uns poucos metros rapidamente – essa camionete de repente tornou-se uma caixa de correios num poste. Era uma camionete ou uma caixa de correios? Bem, depende a que distância você está. O tempo proíbe a multiplicação de tais exemplos. Basta dizer que rapidamente haverá muitos exemplos. Você tem problemas com o sentido. Você nunca chegará a uma percepção, e, por favor, a teoria empírica é terrível demais.

Em segundo lugar, essa teoria empírica, depois de ter um começo pobre com a sensação, exige uma teoria de imagens para dar satisfação à retenção de conhecimento depois que a sensação pare de operar. Quando você fala sobre sensação, quando ela é exercida, e você tem uma imagem que é retida, existem outras dificuldades. Se percepção é uma inferência da sensação, e a imagem segue a percepção, como pode se determinar quando a inferência é válida?

Certa vez, eu inferi que tinha visto uma camionete. Outra vez, poucos minutos depois, eu inferi que tinha visto uma caixa de correios. Mas como você sabe qual das duas inferências é válida? E em segundo lugar, algumas pessoas, especialmente cientistas, não artistas, mas especialmente cientistas, não têm qualquer imagem. E esta é uma dificuldade que eu não vejo como a filosofia empírica pode jamais superar. Eles parecem nunca ter pensado sobre a existência de tais pessoas. Tomás de Aquino e David Hume, os mais conhecidos pelas suas teorias de imagens, só parecem acreditar que todas as pessoas têm imagens. Mas não é assim. Há algumas pessoas, e eu conheço uma muito bem, que não têm nenhuma imagem de forma alguma.

Terceiro, mesmo para as pessoas que têm imagens visuais e auditivas, a formação de conceitos por meio da abstração, como Aristóteles e Locke exigem, é impossível por razões que não adentrarei aqui. E se o bispo Berkley não fizesse mais nada, pelos menos ele claramente mostrou que o empirismo não pode permitir ou justificar conceitos abstratos.

Minha quarta objeção ao empirismo, e se você vem contando as objeções, pode ser que seja a quadragésima. O empirismo não pode produzir normas de nenhum tipo. Não pode produzir normas morais e religiosas, porque na melhor das hipóteses, o empirismo pode apenas falar o que é. Não penso que possa falar nem mesmo desse pouco, mas isso é tudo o que o empirismo pode legitimamente reivindicar fazer. Eles não podem falar o que se deve ser, porque você não pode obter um *deve* de um *é*. E isso se aplica não apenas a normas morais ou religiosas, mas também para as normas básicas da lógica, sem as quais a conversa e o entendimento seriam impossíveis.

As normas da lógica são verdades universais. John Dewey diz que a lógica tem mudado e mudará em todas as suas partes, incluindo a lei da contradição. Mas se a teoria da evolução *implica* na rejeição da lógica, então a teoria da evolução não foi estabelecida pela lógica e toda declaração é tanto verdadeira quanto falsa, e, portanto, absurdo.

Irracionalismo

Bem, isso nos leva ao segundo tipo de epistemologia, a qual chamaremos de irracionalismo. É muito surpreendente que alguns filósofos seculares como Friedrich Nietzsche, John Dewey e os psicólogos Freudianos rejeitem a lei da contradição, porém o que é mais surpreendente é que alguns cristãos professos, *cristãos professos*, sustentam opiniões similares.

O movimento anti-lógica dentro da igreja cristã visível parece ter se originado não com o antigo Tertuliano cujas, frases tem sido citadas erroneamente e mal interpretadas, mas tem se originado com o teólogo do século XIX, Soren Kierkegaard, o pai da neo-ortodoxia, ou, como é às vezes chamada, da teologia dialética.

Soren Kierkegaard insistia que a fim de ser um cristão, é necessário acreditar em contradições. Seu exemplo principal é a doutrina da encarnação. Na encarnação, o Deus eterno entrou na história e tornou-se um ser humano temporal. O que é temporal teve um começo, antes do qual ele não existia. O que é eterno não teve começo. Obviamente, portanto, um ser que não teve começo não pode ter tido um começo. O que sempre existiu não pode agora vir à existência. Mas para sermos cristãos, devemos acreditar que essa impossibilidade lógica ocorreu. Reconhecemos e entendemos o absurdo, mas devemos acreditar no que é absurdo, porque o próprio cristianismo é irracional e absurdo.

A essa altura, é natural pensar como nossa salvação e bênção eterna pode ser garantida pelo absurdo. Pode a contradição fazer o que a informação histórica não pode fazer? Soren Kierkegaard insistiu que nossa salvação não depende de qualquer informação histórica. Como pode depender de absurdos? Para essa questão, Kierkegaard tem uma resposta.

Visto que devemos acreditar no absurdo, diz Soren Kierkegaard, e não depender da informação histórica inteligível, não faz qualquer diferença em que acreditemos. O “o que” não é importante. Tudo o que vale é o *como*.

Esse ponto de vista é manifesto em sua ilustração famosa do luterano ortodoxo e o pagão hindu. Muitos de vocês a conhecem, mas repetirei. O ortodoxo luterano tinha um entendimento correto de Deus. Ele era correto em sua teologia, mas orou com um espírito errado e, portanto, não estava orando a Deus. Mas o hindu, que nunca havia lido João Calvino ou Martinho Lutero, tinha uma idéia incorreta de Deus. Porém, visto que ele orou com uma paixão infinita, ele estava orando a Deus, e o luterano não.

Essa ilustração poderia ter sido um exemplo bom, tivesse Kierkegaard intencionado recomendar a sinceridade e condenar hipocrisia. Cristo teria condenado um luterano hipócrita tanto quanto ele condenou os filhos hipócritas de Abraão, os quais ele conheceu durante sua vida. Mas a hipocrisia não é o ponto da ilustração do hindu. Kierkegaard tentou nos convencer que não há diferença *no que* o homem acredita. Apenas o *como*, a paixão, é de valor. Nessa história, Cristo, ao condenar qualquer tipo de hipocrisia, recomendaria a idolatria do hindu. A ilustração de Kierkegaard quer dizer que um ídolo hindu é um substituto completo para Jeová. E o que poderia ter impressionado Soren Kierkegaard mais fortemente, segue-se também que a filosofia lógica e racional, a qual ele odiava, é tão boa quanto seu próprio irracionalismo. Se não faz diferença no que você acredita, você pode muito bem ser um racionalista.

Embora os principais discípulos de Kierkegaard, Karl Barth e Emil Brunner, e Rudolph Bultmann, também, em certo sentido, embora seus principais discípulos retiveram a fé no paradoxo e no absurdo, eles parecem fazer algum esforço para mascarar a futilidade por acreditar em contradições. A paixão infinita de Kierkegaard torna-se, na teoria deles, um Encontro, o encontro que Barth e Brunner proclamam. Homens tornam-se cristãos por ter um encontro com Deus. Claro, esse encontro nem contém nem é produzido por qualquer informação histórica. A ressurreição não foi um evento datado que ocorreu três dias depois da crucificação. É uma experiência existencial no dia dos homens. Com respeito a isso, os Evangelhos escritos contêm pouco ou nenhuma precisão histórica. São todos fábulas como as de Esopo. As fábulas de Esopo não são históricas, são literalmente falsas, mas existencialmente verdadeiras. Elas são boas descrições de peculiaridades humanas popularizadas, e para a neo-ortodoxia, assim também são os Evangelhos. Mas o encontro pode fazer o que a história não pode. Não há necessidade de superar dois mil anos de história e encontrar eventos que aconteceram há muito tempo atrás. A Páscoa começa agora e o encontro cancela o tempo de duração e nos faz contemporâneos de Cristo.

Se soa absurdo dizer que podemos abolir dois mil anos desse jeito e retornar ao primeiro século ou trazer a Páscoa para o século XX, se soa absurdo dizer que hoje podemos ser contemporâneos de Cristo, que seja

assim. O cristianismo consiste em se contradizer. Nada inteligível pode ser dito de Deus.

Brunner muito explicitamente diz, e isto é uma citação literal, “Deus e o meio de conceitualidade são mutuamente exclusivos”. Fornecendo outra citação literal, “Todas as palavras tem apenas um valor instrumental. Nem as palavras faladas nem o conteúdo conceitual deles são a própria Palavra, mas apenas sua estrutura”. Você encontrará isso na tradução inglesa na página 110 do *Wahrheit als Begegnung*. A verdade não é importante, pois Brunner diz, e isso é outra citação literal, na edição inglesa, página 117, e na edição alemã, página 88, “Deus pode falar sua palavra ao homem mesmo através da falsa doutrina”. Não faz qualquer diferença no que você crê. Você deve crer apaixonadamente.

Esse é o resultado natural em trocar lógica por paradoxos. Quando a lei da contradição é deliberadamente repudiada, a distinção entre verdade e erro vai embora. A palavras Deus e Satanás significam a mesma coisa. Um ministro pode pregar que Cristo fez expiação pelo pecado e no mesmo sermão também sustentar que Cristo não fez expiação pelo pecado. Isso não apenas torna toda pregação fútil, mas também não podemos nem convidar uma pessoa pra almoçar, pois quando digo, almoce comigo, eu também estou dizendo: não almoce comigo. Almoço e nenhum almoço são as mesmas coisas, ao menos que sejam logicamente diferentes.

Dogmatismo

Agora chegamos ao terceiro tipo de epistemologia, ao qual darei o nome desagradável de dogmatismo. A fim de evitar a ignorância completa do ceticismo e escapar da insanidade irracional, deve-se buscar um refúgio seguro numa terceira possibilidade. Poderia ser chamado de racionalismo se a palavra não fosse confundida com o Hegelianismo por um lado e o deísmo pelo outro. Poderia igualmente ser chamado de dogmatismo, exceto que o opróbrio popular suscitado através desse é muito para se suportar. Um termo mais recente é pressuposicionalismo. Faça sua escolha. O nome é relativamente sem importância, diferentemente de como os nomes hebraicos costumam ser. O nome é relativamente sem importância se os detalhes são entendidos.

O argumento é que toda filosofia deve ter um primeiro princípio, um princípio estabelecido dogmaticamente. O próprio empirismo requer um princípio não empírico. Isso é particularmente óbvio em que a forma mais extrema de empirismo é chamada de positivismo lógico. Dizer que declarações não têm sentido, a menos que sejam verificadas pela sensação, é por si própria uma afirmação que não pode ser verificada pela sensação. A observação nunca pode provar a confiabilidade da observação. Visto que, portanto, toda filosofia deve ter seu primeiro axioma indemonstrável, os secularistas não podem negar o direito do Cristianismo de escolher seu próprio axioma.

Sendo assim, deixemos o axioma cristão ser a verdade das Escrituras. Isso é o princípio reformado do *Sola Scriptura*. Historicamente o evangelicalismo significou duas coisas: justificação pela fé somente, claro, mas também significou somente a Escritura – *Sola Scriptura* e *Sola Fide*. Somente a fé, somente a Escritura. Esses foram o material e os princípios formais da Reforma Protestante e qualquer um que negue qualquer um dos dois não tem relação histórica para se chamar um evangélico.

O princípio é *Sola Scriptura*. Essa é um repúdio da noção de que a teologia tem muitas fontes tais como a Bíblia, tradição, filosofia, ciência, religião ou psicologia. Há apenas uma fonte, as Escrituras. É onde a verdade deve ser encontrada. Sob a palavra verdade há a inclusão, em oposição ao irracionalismo, da lógica e da lei da contradição. Qualquer coisa que se contradiga não é verdade. A verdade deve ser consistente, e é claro que a Escritura não afirma e nega uma expiação ao mesmo tempo. Deus é a verdade. Cristo é a sabedoria e o *Logos* de Deus. E as palavras que ele nos tem falado são espírito e vida.

O axioma da Escritura não apenas implica uma posição particular da natureza de Deus, mas também implica uma teoria definitiva do homem. Auxiliada pelo conceito bíblico de Deus, a decisão entre o irracionalismo da neo-ortodoxia por um lado, e, por outro lado, a inteligibilidade, a lógica, a lei da contradição de Calvino e Hodge depende do ponto de vista de alguém da natureza do homem. O Cristianismo continua afirmando que há uma natureza humana comum. Oswald Spengler nega, dizendo: “Existem homens, não existe homem”. Os existencialistas franceses negam dizendo que a existência precede a essência. Os freudianos, me atrevo a dizer, são mais cristãos. Pelo menos Freud faz um julgamento com respeito a todos os homens universalmente. Vida e mente para Freud são produtos evolucionistas emergentes de estruturas psicoquímicas. A força dominante no homem não é sua inteligência, compartilhada que ele carinhosamente supõe com Deus, mas um bando de viagens subscientes e anseios sexuais. No consenso geral, consideramos isso um julgamento falso, mas pelo menos reconhece uma natureza comum. E se tomarmos como uma descrição do homem no seu estado caído, contém alguma verdade, porém uma verdade distorcida.

Mas em oposição a Freud, a Sartre, a Wittgenstein e outros, a posição cristã é que o homem foi criado à imagem de Deus. O homem, não os animais. E essa imagem deve ser determinada não por observação empírica, mas por uma exegese de passagens bíblicas.

Houve uma conferência que aconteceu em Augusta, Geórgia, na semana passada. Ela foi supostamente realizada por cientistas cristãos, e um dos jornais foi chamado de “*A Search for Personhod*” (Uma Busca pela Personalidade). Eu pesquisei no dicionário *Merriam-Webster*, mas não pude encontrar a palavra. De qualquer forma, o jornal não tinha qualquer referência a Bíblia; era totalmente empírico. Não havia nada de cristão nele.

Insistimos que se queremos descobrir o que é o homem, devemos estudar a Escritura.

A Imagem de Deus.

A primeira passagem para exegese é a primeira passagem na Bíblia. Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. Essa imagem não pode ser o corpo do homem por duas razões: primeiro, Deus é espírito e não tem corpo; segundo, animais têm corpos, mas eles não foram criados à imagem de Deus. Portanto, o corpo não pode ser a imagem de Deus. A imagem divina, então, deve ser o espírito do homem, pois os dois elementos que compõem o homem são corpo e espírito. Gênesis diz que Deus formou o homem do pó da terra e soprou nas suas narinas o fôlego da vida, e destes dois elementos o homem tornou-se uma alma vivente. Se o pó ou o barro não é a imagem de Deus, o fôlego ou espírito deve ser. Não há outra possibilidade. A Escritura vai além. Falar sobre a imagem de Deus no homem é ligeiramente incorreto. A imagem não é algo que o homem possui. Não é algo nele. O próprio homem é a imagem ou a imagem é o próprio homem, pois 1Coríntios 11:7 afirma que o homem é ele mesmo a imagem e a glória de Deus. Sem dúvida também têm ou são espíritos. A Bíblia fala isso em vários lugares. Logo, a imagem divina deve ser aquelas características do espírito humano que não são compartilhadas pela criação mais inferior. Essas são as características da racionalidade. Os animais não podem realizar uma aritmética ou geometria. Os *Orioles Baltimore*, quero dizer a respeito dos pássaros, não o time de baseball, os *Oriole Baltimore* constroem um ninho magnífico, mas um *oriole* não difere um do outro no estilo de sua arquitetura. Não há nenhuma invenção. Eles não pensam em outras formas. E então também, os animais não podem entender os mandamentos de moralidade. Não é isso o que o Salmo 32:9 significa quando diz: “Não sejas como o cavalo ou a mula, sem entendimento”? Os animais são incapazes de pecar porque eles não são racionais. Então, o próprio fato da pecaminosidade humana mostra que o homem é racional, como oposto aos animais.

Então finalmente, até num nível mais elementar do que moralidade, os animais não têm conhecimento da história. Eles não podem possivelmente saber que Cristo morreu e ressuscitou. Visto, portanto, que a razão distingue o espírito do homem em relação ao espírito dos animais, a racionalidade é a imagem de Deus. Essa identificação da imagem divina, argumentada até esse ponto majoritariamente à partir da criação registrada em Gênesis, parece também ser exigida pelo o que Paulo diz em Efésios e Colossenses. Essas epístolas falam de regeneração como uma renovação da imagem original. E os pontos em que a renovação acontece são o conhecimento e a justiça. Paulo, portanto, pressupõe que a imagem de Deus é a racionalidade.

Esse não é o local para um estudo abrangente do que toda a Bíblia diz sobre o assunto, mas a menção de alguns versos ajudará na difusão do suporte para esse ponto de vista. Essas passagens sugestivas têm a ver com

a natureza de Deus, assim como a natureza de homem. Pode-se começar com Deuteronômio 32:4, a qual se refere à Deus como um Deus da verdade. O Espírito Santo é o Espírito da verdade, que nos guiará a toda verdade. Cristo não é apenas o caminho, a verdade e a vida, Ele é o *Logos*, a mente e sabedoria de Deus. Ele falou para seus discípulos, “Conhecereis a verdade e verdade vos libertará”.

Sem reproduzir todo o material do Evangelho de João sobre as palavras ‘Escritura’ e ‘verdade’, vamos lembrar que o apóstolo Pedro também diz em sua segunda epístola que: “Todas as coisas pertencem a vida e a santidade, Deus nos dá por meio do conhecimento”. Deus é racional. Sua verdade é racional e nós devemos ser racionais para recebê-la. O cavalo e o pássaro *Baltimore Oriole* não podem.

Mas além de versos individuais como esses, a Bíblia em sua inteireza aplica essa lição. Toda Escritura é útil para o ensino e para a educação na justiça. Se toda Escritura é útil, então segue-se que os versos são úteis para a instrução. Este aqui: “Reuel, pai deles, deu a Moisés Zípora, sua filha”. Outro versículo: “Tendo Sambalá ouvido que edificávamos o muro, ardeu em ira”. E um último versículo: “Tendo passado por Anfípolis e Apolônia, chegaram a Tessalônica”.

Esses versículos foram deliberadamente escolhidos porque eles não parecem carregar nenhuma imagem de Deus ou qualquer outra doutrina teológica profunda. Mas Paulo disse que todos os versículos na Bíblia eram úteis para a doutrina, e a doutrina que esses versículos ensinam é a doutrina da imagem divina. Esses versículos foram escritos para que entendamos. Essa é a história que não é para pássaros. É para a nossa edificação e para ser edificado precisa-se de entendimento. Relembre que Paulo proibiu línguas sem interpretação na igreja de Corinto. Ele as proibiu porque elas não edificavam. E elas não edificavam porque elas não podiam ser entendidas. Como podemos dizer *amém* para uma oração de outro se não a entendemos? A Bíblia inteira, cada parte dela, é revelação porque é racional e porque somos racionais. Negue a lei da contradição, abandone a lógica, insista que precisamos acreditar no absurdo, e nada permanecerá na Bíblia. Coisa alguma.

Porque esse assunto inteiro tem muitas facetas, e porque os detalhes são muito complexos, a conclusão pode desenhar apenas uma objeção. A objeção é esta: Se todo sistema de filosofia se deriva de sua própria série de axiomas únicos, torna-se impossível para aqueles que aceitam um tipo de axioma estabelecer uma discussão significativa com aqueles que possuem outro tipo de axioma. As duas alas da disputa não têm nada em comum, e, portanto, nenhum tem qualquer base para convencer o outro.

Essa é uma antiga, não recente, objeção. Não necessita ser um gênio para responder. Embora tão comum, certamente porque é muito comum, precisa-se de uma resposta clara. Uma referência histórica servirá como ponto de partida. Anselmo queria apelar aos judeus e mulçumanos sobre o

próprio fundamento deles sem usar revelação. “Razão” deveria ser um fundamento comum. Mas a “razão” não foi claramente definida nem foi uma proposição comum realmente identificada. Mas o senso comum pressupõe que todas as vezes que tentamos convencer pessoas de algo, apelamos para aquilo que eles já acreditam. Mas o senso comum está errado. Isso apenas funciona em questões secundárias e não em todas elas. Em questões básicas ninguém jamais apela a um fundamento comum entre dois sistemas de filosofia.

Veja esse exemplo. Pode um empirista, por base da sensação, convencer-me do empirismo quando eu não aceito a sensação? Bem, como então podemos apresentar o Evangelho a um descrente? Apresentamos o Evangelho tão completamente quanto possível. Explicamos a ele, com a maior quantidade de detalhes históricos que o nosso tempo permite, e com a maior quantidade de conexões lógicas que o nosso prospectador escutará. Mas sermões, argumentos e explicações não o converterão. O obreiro cristão não pode convencê-lo da verdade do Evangelho. Não é o seu dever. Depois de apresentar o Evangelho, então oramos para que o Espírito Santo convença-o, que Deus mude sua mente, lhe conceda arrependimento, que Deus lhe dê o dom divino da fé, o faça acreditar nos axiomas da Escritura e o ressuscite da morte do pecado para uma nova vida em Cristo.

Tradução: Tiago Canuto

Revisão: Felipe Sabino de Araújo Neto